MOACYR G. ROSAS

A Alma D'Annunziana na Obra de
PERICLES MORAES

1956
LIVRARIA PALACIO REAL
CESAR & Cia. Ltda.
Manaus – Amazonas – Brasil



"Em nossa estante vão-se acumulando os volumes de Moacyr Rosas, dentista e literato, nascido e criado à margem do Rio Negro, na capital da borracha. Sua formação foi a do típico *self-made-man*. Estudante pobre, lutou como herói para conquistar o título e depois para impôr-se como profissional de primeira linha, em Manaus, onde trabalha para uma das melhores clientelas, com renda tão elevada que anualmente pode passear como lord por tôda a América do Sul, frequentando congressos odontológicos, recantos pitorescos e as boas diversões.

Quando viaja, ao contrário de muitos de nós outros, mais tímidos ou mais comodistas, procura visitar todos os centros de estudos e os mais destacados profissionais, em busca de técnicas novas e de quaisquer ensinamentos, que lhe façam valorizar a clínica e mantê-lo sempre em projeção.

MOACYR G. ROSAS



A Alma D'Annunziana na Obra de PERICLES MORAES

Quanto a mim, confesso que D'Annunzio foi deveras, a maior divindade de minha religião de extático cultor da Beleza.

PERICLES MORAES — Confidências Literárias

Ao insigne escritor e glorioso historiador do Colombo, a velha admiração do com forte abraço, Moacyr G. Rosas 30/6/56

1956
LIVRARIA PALACIO REAL
CESAR & Cia. Ltda.
Manaus - Amazonas - Brasil

DO AUTOR:

DOIS DISCURSOS ACADÊMICOS
Antropodontologia
Endoductodonciografia
Byron - poeta enigma
A Odontologia do século XX
Cidades, Homens e Livros
Crônica Odontológica de Luiz XIV
Da Vinci - paradoxo ou mito?
João Leda



Pelo seu vulto majestoso, há certas emprêsas encantadoras que nos empolgam, quando contempladas à distância; e, no entanto, se defrontamo-las, somos dominados por aquêle desassossêgo que se apodera da milícia quando postada nos fossos improvisados, aguardando o duelo com armas brancas. Tal impressão sentimos ao iniciar a investida pelo itinerário luminoso por que passou êste refulgente estilista amazônico — Pericles Moraes.

Examinando e analisando as suas afinidades de espírito, de sentimentos morais e de estesia com excelentes artistas dos idiomas românicos, deparamos com o segrêdo do seu prestígio de escritor. Não constitui nenhuma novidade, e é mesmo um truismo afirmar-se que entre as excelsas inteligências que exerceram singular prestígio na evolução mental de Pericles Moraes, se destaca o nome glorioso de Gabriel D' Annunzio. Êle próprio confessa em "Confidências Literárias" : "a maior divindade da minha religião de extático cultor da Beleza". Se bem que a linha adotada nos seus judiciosos conceitos proviesse da jurisdição estética de Remy de Gourmont, eis como o insigne autor de Figuras & Sensações se refere a êsse inconfundível pilar de seu pensamento: "Em Gourmont, o vigor dialético, a translucidez das idéias, a pureza da língua, as fulgurações do estilo; — tudo proce-

de do concerto da sensibilidade com o raciocínio". Reiteramos o que dissemos anteriormente, apoiados em confissões reveladas em uma ou outra página plasmada no tempo de seu primeiro livro, editado em Portugal, a "Leopoldo Péres", a sua última obra publicada.

Para todos nós cultores das letras, insistimos nêste ponto: é tarefa difícil visionar a figura de Pericles Moraes. Diante de sua obra temos a impressão que entrevemos os pórticos dourados de suntuosa mesquita, envolvida pelo ressoar dos bronzes plangentes, à hora de se murmurar: Alá!... Tamanha é a beleza de sua cultura humanística, vasada naquele "estilo translúcido e correntio, de ondulações suaves e sonoras, límpido como um veio cristalino" ! A linguagem do escritor, isenta do ranço quinhentista, está encrustada de luxuosos neologismos, colhidos nas vernáculas florestas de Ruy e Coelho Neto. Alí, tanto o termo novo como o vocábulo obsoleto, quando aparecem, revigoram-se, renovam-se, vibram no período com a cadência harmoniosa de uma canção marcial, ou como as notas de uma partitura schuberteana.

Um tumultuoso escritor italiano tão nosso conhecido,, assinalava, há pouco tempo, em " Pitigrilli fala de Pitigrilli", que o escritor aplaudido é aquele que sabe expressar o maior número de idéias de seus leitores, dando-lhes a impressão de que o autor apenas as reproduz. Antes, porém, do discutido romancista de O colar de Afrodite transmitir êsse pensamento, o insigne ensaista Pericles Moraes, há mais de duas décadas, afirmara: "Os livros que nos comovem são justamente os que refletem as nossas idéias e a nossa sensibilidade". De cada autor e de cada obra êle faz reviver a chama

adormecida, à semelhança daquele profeta que extraía água das pedras áridas. Não importa a direção de onde partam os ventos, êle sabe sempre encontrar e exibir a mensagem de beleza espiritual encerrada na obra ou no herói. Por isto, com muito acerto, em A crítica de Benjamin Lima, plasmou êste axioma resplendente: "A crítica é a flôr do pensamento, a orquídea esquisita e rara que só germina e desabrocha nos campos onde existem as semeaduras das idéias".

Agrippino Grieco, o consagrado crítico brasileiro, opina que Pericles Moraes é a maior cultura gaulesa reflorida no Brasil. Além de dominar o idioma de Lutécia com o aticismo de um Flaubert e a mestria de um Renan, entende também o de Wilde e é senhor da língua sonora de Leopardi, na qual excursionou com paciência e devoção quasi mística, idêntica à de Tobias Barreto, quando determinou manejar o instrumento de expressão de Goethe. Perlustrando as searas miraculosas do divino poeta, de Boccacio a D' Annunzio, onde descobriu os mais incríveis segredos do idioma gentile, e compreendeu o excepcional artista de Il Fuoco, quando revela, que "o surto esfuzilante das metáforas, as concepções grandiosas, a sublimidade da imaginação, de asas desapoderadas, revolvendo as profundezas da alma humana, resultam de seu gênio tumultuário".

A prosa de Pericles Moraes, enervada da opulência bisantina que caracteriza o seu estilo olímpico, não se desnorteia no inóspito terreno da erudição, como podemos certificar nêstes trabalhos, verdadeiros dedos de gigantes: sôbre um retrato de Petrônio e Um dicionarista literário, nos quais,

depois, se desdobra em análises introspectivas do autor e do assunto. Modelos, na língua portuguêsa, do que acabamos de acentuar, encontramos em Sôbre uma página de Julio Dantas e em O fascínio da Condessa de Noailles, que além do eruditos, definem o psicólogo com autoridade indiscutível.

Pericles Moraes, independente de pertencer a uma aristocrática linhagem, que lhe confere, por todos os títulos, direito a ser denominado escritor d' annunziano, não só pelas tendências estéticas e espirituais, mas também pela intensiva admiração que consagra ao autor de La Nave, a ponto de insinuar, com invencível dialética, que desejava vê-lo na galeria dos gênios, na "dinastia arquitetada pelo verbalismo criador do gigante de Lenda dos Séculos". Todo homem de espírito conhece o aprazível convívio das divindades, mas o filho de Abruzzos não era um simples conviva, como nos expõe em sua exaltação idolátrica o plasmador de Confidências Literárias: "De fato, D' Annunzio, em tôda a sua existência, foi um filho dileto dos deuses". De resto, é impossível conceber-se um escritor d' annunziano sem o culto fervoroso das artes plásticas, sem o domínio do fascinante mundo clássico, sem a soberba volúpia de retratar imagens femininas. Algumas figuras de mulheres que, por coincidência, Pericles Moraes teve de mencionar, não o deixou de fazer sem aquela elevação mental legítima de um convicto herdeiro do esplendor renascentino. Quando relemos o coruscante estudo: Pela gloria de Gonzaga Duque, fixámos êste conceito que sintetiza profundos conhecimentos: "... a obra erótica de Rops, analisando-a, tela a tela, para deduzir que a Luxúria, que jamais concebera uma obra d' arte realmente forte, como a Pureza, que inspirara e imortalizara os grandes pintores cristãos, precisaria ter chegado ao nosso tempo, a fim de encontrar em Rops o simbolisador de seus frêmitos satânicos". Ainda

na obra de Pericles Moraes se acha a curiosa gama temperamental feminina distribuida nos tipos que alí desfilam, sem a premeditada preocupação de catalogá-los, mas que pela excelência da pintura nos faz sentir que estamos em presença de um absoluto conhecedor dos multifários caracteres da companheira do homem. Fazemos nossas as palavras aplicadas a Coelho Neto: "O artista é um voluntário que se excita com as mórbidas dormências, com as curvaturas lânguidas de suas heroinas, essas impressionantes mulheres que passam a sorrir na sua obra, como se viessem da imaginação ardente e fescenina de um Fragonard. São curiosas estas pinturas". Com isto, não queremos afirmar, afora a nossa intenção de salientar o seu parentesco estético com o deslumbrante criador de Francesca da Rimini, que a mulher exerça função preponderante em sua obra. Essa afirmativa seria fundamentalmente falsa.

Péricles Moraes é dotado de inata faculdade sensorial suscetível de descobrir sons e côres, que sòmente os pressentimos quando irradiados pelos lampejos de seu cálamo de escritor. A majestade de suas idéias nos empolga tanto que algumas vêzes, aliciados pelo surto de seu raciocínio, temos a sensação de que estamos assistindo a um espetáculo romano ou a uma tourada madrilena. A sua obra é de extrema beleza, onde a cultura se tornou indispensável, justamente para prestigiar a formosura. Em função da beleza gravitam idéias e erudição, como no sistema solar, de rítmo incansável, voam os astros com os seus satélites. Evidentemente, nêste rápido e perfuntório apontamento não se desfloraram todos os multímodos aspectos da obra artística de Pericles Moraes, que se identificam com a grandeza estética do maravilhoso novelista de Forse che si forse che no.

Num de seus livros teve a preocupação de analizar tudo o que viu em matéria de odontologia, em suas viagens. As vêzes chega a sentir-se decepcionado por não encontrar novidades ou por não encontrar obras primas onde esperava vê-las em execução habitual. Volta para seu recanto, consolado com o que já sabe e certo de que vem oferecendo à clientela amazonense o melhor que ela poderia encontrar em qualquer outra parte.

O que nos causa admiração é como pode conciliar a odontologia com a literatura, trabalhando no consultório de sol a sol e ainda encontrando folga para escrever ensaios primorosos, como «Byron», «Da Vinci» ou «João Leda». Vitalidade de fazer inveja. Inteligência das mais brilhantes. Cultura bem alicerçada.

Mestre em fazer amizades, tanto perto como à distância, conhecêmo-lo apenas por correspondência e é como se fôsse gente de casa, com intimidade até para nos dizer desaforos...

O prolífico Moacyr Rosas não cessa de criar livros, só pelo prazer de distribuí-los com os amigos e colegas. Uma grande alma, que bem merece dos outros as gentilezas que distribui a mancheias».

F. PAULA AZZI, Rio Grande Odontológico, Março-Abril, 1956.



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato
E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura

